

Relato: Abre-te Sésamo! ou por uma Poética da Oralidade na Sala-de-Aula¹

Josse Fares, Paulo Nunes e Josebel Akel Fares²

A Audemaro Taranto e Ivete Walty, mestres fundamentais

I

Antes de mais nada faz-se necessário agradecer a oportunidade de participarmos deste encontro **O Jogo do Livro Infantil II - a Leitura** que visa a discussão de um dos mais incômodos problemas brasileiros, *a leitura na escola*. Este tema é tão repetitivo quanto instigante. Embora um grande número de teóricos já tenha penetrado nele, vamos fazê-lo com a boa intenção de contribuir, mesmo que pouco academicamente, com algo, para este debate.

Parece didático lembrar que o livro surge, no seio da escola burguesa, como *bengala* de sustentação para esta classe emergente. Hoje, com vestes aparentemente mais democráticas, sabe-se que o livro é um bem cultural, fonte de conhecimento que pode irradiar saber (e saber é poder!) às pessoas. Fala-se também na crise de referência do livro tradicional, o de papel, uma vez que presenciamos neste fim de século a reprodutividade do conhecimento através de técnicas inimagináveis há algumas décadas atrás. Estaria o livro em brochuras com seus dias contados? Como serão as obras didáticas ou literárias nos cem ou duzentos anos vindouros? Sabe Deus. Mas certamente essa crise de referência nos pode fazer pensar sobre a própria função do livro e da escola neste país de Santa Cruz. As crises nos fazem refletir e até desconstruir padrões para assim reinstaurar conceitos, se é que estes são bem-vindos no seio da comunidade que os criou. E a comunidade da qual nos referimos é a escola. E a escola brasileira, diga-se, é uma instituição, em geral, caduca e conservadora. Inculca a competição; escamoteia ou maquia temas universais (e nacionais), tais como homossexualidade, reforma agrária, opressão X liberdade, direito e deveres, concentração de renda, entre outros. Uma instituição para desejar-se contemporânea não deveria virar as costas a questões tão fundamentais à modernidade.

Mas falar em modernidade nos remete a uma necessária cautela, pois tal discussão, que vamos evitar, pode tomar contornos muito mais complicados, e os labirintos educacionais nos confundirão e farão encontrar-nos com um Minotauro sedento a nos devorar.

Na verdade, uma questão preocupa-nos sobremaneira. Com que autoridade a escola brasileira inseriu-se na era da cibernética se na maioria delas, nas públicas, ao menos, sequer a imprensa de Gutemberg foi inventada? Como podemos vibrar com parabólicas instaladas nos barracos, se o barraco que abriga a escola não tem estrutura para

suportar tais parafenalias? Como pensar em métodos de ensino fascinantes na telinha dos computadores se este país até hoje lavou as mãos, ignorando um plano nacional de carreira para o magistério, por exemplo? Vale ressaltar que não somos contrários à tecnologia eletro-eletrônica, mas faz-se necessário, principalmente numa área essencial como esta, estabelecer prioridades. *Mundo, Mundo, vasto mundo se nos chamássemos Raimundo...*

É verdade, não temos a rima como recurso de solução, mas tão somente sugestões, que tentaremos expor a seguir. O medo de perder o norte nos faz retornar o fuso provocador: *leitura e escola*. Embora as últimas estatísticas apresentadas durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro apontem para um crescimento do consumo de livros, vale ter cautela, principalmente se transpusermos a leitura à escola. Pensemos. Estaria a escola inserida satisfatoriamente neste crescimento consumidor? Ou será que ainda estamos estimulando o consumo desproposital, e de certo modo irresponsável, das fotocópias? O aluno lê aquilo que é indicado pelo professor? A leitura recomendada (atenção! leitura recomendada pode ser eufemismo) pelo professor é atravessada de tesão ou apenas uma justificativa às editoras e aos pais de classe média pretensamente ilustrada? Por que não existem nos colégios salas de leitura ou bibliotecas devidamente aparelhadas? Ler é prazer? Quem lê viaja. Mas viaja como?

Quando fazemos um exame minucioso deste contexto, chegamos a concluir que a escola brasileira ainda está doente, embora, ao que parece, já tenha ultrapassado o limite do perigo mortal. Mas esta doença, se não é fatal, incomoda. Nossa escola é míope quando precisa enxergar, e gaga quando necessita falar. Um paciente que sobrevive mas comunicar-se deficitariamente como mundo que o cerca.

Quando neste contexto insere-se a leitura, é inevitável confrontar as formas de ler de hoje com uma técnica pedagógica que foi utilizada na escola brasileira de outrora. Tal técnica, intimamente ligada à oralidade (ou à transposição do escrito para o oral), se não *transformou* todos os alunos

1 Relato de participação no encontro O Jogo do Livro Infantil II- A Leitura, promovido e realizado pelo CEALE/ICHS das Universidades Federais de Minas Gerais e Ouro Preto em setembro de 1997

2 Josse é professora de Literatura da Universidade da Amazônia (Belém-Pará); atua também no colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré. É co-autora de didáticos. Paulo é professor de Literatura Amazônica da mesma universidade, atua também na SEDUC-PA; é co-autor de didáticos. Josebel é professora de Formas de Expressão e Comunicação Humanas, da Universidade do Estado do Pará; é técnica educacional da SEMEC-Belém; é co-autora de didáticos.

em leitores, certamente preparou alguns com competência - a leitura de poemas, narrativas, e, sobretudo, a "contação" das lendas amazônicas nas salas de aula. Perdoem-nos o aparente saudosismo, mas nos associamos a Ortega Y Gasset, quando diz que a "tradição é uma colaboração que pedimos ao nosso passado para resolver nossos problemas atuais" (Gasset apud Zumthor; 1997; 13).

II

A defesa pela retomada de uma atitude oral cotidiana na didática da sala-de-aula de hoje, a nosso ver, contempla diversos desejos. O primeiro, e decisivo, é a necessidade de reinterpretação de uma forma de transmissão de conhecimento que o passado histórico nos proporcionou. Dizer um texto em voz alta, de certo modo, é a representação da técnica que os aedos, jograis e menestres nos legaram. Pergunta-se, quem não gosta de ouvir histórias? Quem isenta-se de escutar alguém que tem na manga da camisa um intrigante enredo a socializar? Mesmo nossas crianças e adolescentes - tão acostumados à hipnose virtual das maquininhas - extasiavam-se ante a um belo poema e a um *conto bem contado*.

A necessidade de não esquecer o passado é quase uma obrigação nossa, de professores, com a sociedade brasileira contemporânea.

Lembrando mais uma vez Drummond, "...o presente é tão grande não nos afastemos./ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas..." É preciso criar um coro forte nesta direção. Ainda a propósito disto, em certa altura de seu *Tradição e Esquecimento*, Paul Zumthor, alerta-nos: "Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia-a-dia." (Zumthor: 1997; 15) Ainda neste liame é imprescindível citar o trabalho elaborado por Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*, que nos foi apresentado pela professora Vera Casa Nova. Neste livro estão fundadas parte de nossas crenças sobre memória e esquecimento coletivo. Na apresentação deste trabalho, Marilena Chauí, a respeito da obra de Ecléa, afirma algo que nos cai como uma luva, "o modo de lembrar é individual tanto quanto social; o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra faz com que fique o que signifique..." (Chauí apud Bosi; 1995; 31). Pois que experimentemos retomar esta experiência de nossa memória escolar, e selecionemos o que de melhor pode significar para uma exemplar divulgação do texto na atual escola brasileira.

O segundo e valoroso motivo desta nossa fala está fundamentado na necessidade de fazer valer a voz amazônica no contexto da cultura brasileira. Afinal quase nunca temos oportunidade de, por exemplo, ler - nas antologias produzidas no eixo centro-sul brasileiro - textos ou experiências de autores ligados à região amazônica. Para nós, é mais ou menos como se nada produzíssemos ou como se o restante do país estivesse surdo ante ao que é dito na região norte brasileira. Nesta perspectiva, teríamos, a partir desta experiência, a oportunidade de ver contos, causos, poemas e lendas

amazônicas falas - ao lado de textos das demais regiões - durante as aulas regulares do primeiro e segundo graus das escolas brasileiras.

Ao efetivar esta prática pedagógica teríamos de subsidiá-la com inúmeros projetos e programas que ocorrem nas instituições de pesquisa da nossa região. Dentre elas citaremos dois que melhor conhecemos.

Primeiro, a circulação da revista da graduação de Letras da Universidade da Amazônia, *Asas da Palavra*, que divulga aos estudantes autores regionais; e segundo, o reconhecimento do projeto IFNOPAP, o *Imaginário nas Formas Oraís Populares da Amazônia Paraense*, que coletou, até hoje, mais de três mil narrativas de contadores populares regionais, e encontra-se disponível na Internet sob a sigla <http://www.ufpa.br/ifnopap>.

III

Precisamos, à moda de nossos avós índios e nosso pais caboclos, acalentar o sonho de crianças e jovens, contando-lhes histórias dos tempos imemoriais, quando Naiá, a índia apaixonada pela lua, vive nos rios, a contemplar eternamente sua amada; tempo em que o corpo de Mani, a índia branca, metamorfoseou-se em alimento para sua nação; tempo em que o índio Macuxi plantou sua amada na cova, de onde nasceu um pé de tamba-tajá; tempo em que plantas e animais ensinavam ao homem o que este desejava apreender, tempo de quando o homem e a natureza faziam par eram desdobramentos de um mesmo corpo. As artimanhas do imaginário contribuirão, assim, para redesenhar o contorno de gerações presentes e futuras.

Nesta perspectiva, seremos - professores brasileiros - Scherezadas a *emprenhar os ouvidos* alheios com histórias fabulosas. E a referência à contadeira árabe não se dá de modo gratuito. Creemos que a sensibilidade e a astúcia femininas estão mais afinadas com as propostas de mudança social e cultural. Professores e professoras devemos transmutar-nos em Scherazades. Adélia Bezerra de Menezes afirma, com bastante lucidez, em *Do Poder da palavra*: "...Scherazade (...) vence a morte através da Literatura. Trata-se da maior apologia da Palavra, de que se tem conhecimento. E analisar o papel da contadeira de histórias significará abordar o problema das relações da mulher com a Literatura, da mulher com a Palavra, da mulher com o símbolo e com o corpo" (Menezes; 1995; 39) ou noutra passagem: "...Scherazade [ao enredar o sultão] instaura um novo tipo de poder. A força da palavra radicaliza-se na magia. A palavra aqui transforma, cura..." (idem: 51)

Que nos tornemos, com o auxílio da oralidade (sem evidentemente abandonar o escrito) detentores da palavra - força, da palavra-alazão, da palavra-magia, para que possamos dizer a jovens corações adubados: Abre-te Sésamo!

Que assim seja, amém!³

3 Esta apresentação foi entremada com textos e canções de autores da região amazônica: Rostos da Amazônia, de Paes Loureiro; Tamba-tajá, de Waldemar Henrique; a lenda da Matinta Perera, do IFNOPAP; A Escola, de Dalcídio Jurandir; Matinta Perera, de Waldemar Henrique e Antônio Tevernard; e Batuque, de Bruno de Menezes.

Bibliografia Consultada

- BERALDO, Alda. **Trabalhando com Poesia**. Ática. São Paulo, 1990
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velho**. Companhia das letras. 4 ed, São Paulo
- CUNHA, Maria Antonieta A. **Poesia na Escola**. Descubra, São Paulo.
- MENEZES, Adélia de Bezerra. **Do Poder da Palavra**. Livraria Duas Cidades; São Paulo, 1995.
- ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Trad. Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. Hucitec. São Paulo, 1997.
- SIMÕES, Maria do Socorro & GOLDER, Christophe. **Abaetetuba Conta**. Cejup/UFPa; Belém, 1997.
- JACOB, Maria Celia (ORG) **Asas da Palavra**. UNAMA. Belém, 1995, 6,7.